

## Apresentação

Roberto Antônio Penedo do Amaral  
Josué Borges de Araújo Godinho  
(Organizadores)

A gênese do pensamento ocidental se estabeleceu na interlocução constante, às vezes aproximativa, porém, no mais das vezes, tensa, entre a linguagem filosófica e a linguagem literária. Em muitas situações tais discursos estão de tal forma imbricados em textos de filósofos, filósofas, poetas, escritores e escritoras que é quase impossível afirmar a partir de que ponto termina um e começa o outro. O dossiê que ora se apresenta não vê nisso um problema a ser resolvido, muito antes pelo contrário, aponta como desejável que a condição interpeladora da questão permaneça em aberto, irrespondível e indecidível.

Os artigos que compõem a coletânea “Filosofia e Literatura & Literatura e Filosofia”, no entanto, não se furtam a tecer problematizações, levantar hipóteses, apontar possibilidades de se pensar as formas como esse palíndromo, qual o Ouroboros, mordisca, insistentemente, a própria cauda.

A esse exercício se lança Clarissa Moreira de Macedo em “Geopoética: contraponto à necropolítica”, ao pensar “uma poética da terra” como uma ferramenta teórico-crítica para reavaliar a posição humana perante o planeta, ante si enquanto espécie e diante da alteridade. Por sua vez, Claudia Campos Soares, em “Liberdade e (in)determinação em *Grande sertão: veredas*”, busca discutir aspectos da relação entre liberdade e destino na obra maior de Guimarães Rosa, recorrendo à ideia de evento, ou acontecimento, conforme pensada por Jacques Derrida.

Cláudio Pires Viana, em “Sartre e a literatura: imaginação, engajamento e liberdade”, mediante uma acurada análise crítica do ensaio *Que é a literatura?* do pensador existencialista francês, apresenta argumentos decisivos do filósofo-escritor, em resposta às duras críticas que recebeu ao *princípio do engajamento*, característico de suas obras literárias. Já Gabriela Silva, em “*Todos os nomes*, de José Saramago: o labirinto da linguagem que evoca a humanidade”, desde premissas benjaminianas e de textos críticos acerca da obra do escritor português, apresenta uma leitura do romance em questão, estabelecendo relações entre a linguagem e a representação dos indivíduos que surgem da constituição do nome.

De forma provocativa, Josué Borges de Araújo Godinho, em “Amanhã pode acontecer tudo, inclusive nada”, propõe a leitura de duas estórias de Guimarães Rosa, “A terceira margem do rio”, de *Primeiras estórias*, e “Desenredo”, de *Tutameia*, estabelecendo um ousado cotejo com *Bartleby, o escrivão*, de Melville, apoiando-se em Deleuze e Guattari e nas considerações de Susan Sontag sobre a interpretação. João Batista Santiago Sobrinho, a seu tempo, propõe uma inusitada leitura do conto “O recado do morro”, de Guimarães Rosa, em cotejo com o filme *Stalker*, de Tarkovski, numa espécie de cartografia em diálogo com a geofilosofia deleuzeguatarriana.

Em “Poesia e verdade”, Rita de Cássia Oliveira busca investigar se há uma verdade na poesia, articulando *A metáfora viva*, de Paul Ricoeur e o poema *O Guesa*, de Sousândrade.

Problematizar o símbolo como o elemento que estabelece o cortejo entre o sagrado e o secular, tanto na escritura quanto na leitura da Bíblia, é o empreendimento a que se lança Roberto Antônio Penedo do Amaral, em “A Bíblia e a literatura: o símbolo como cortejo entre o sagrado e o secular”.

Por fim, para se pensar os desassossegos entre poética e filosofia, Vitor Cei, André Tessaro Pelinser e Letícia Malloy entrevistam o poeta e filósofo Daniel Arelli em “Poesia e Filosofia: tensões”.

Discursos fronteiriços, linguagens com combinações transgressivas, experimentos transdisciplinares, gestos filosófico-literários, são, enfim, algumas das possibilidades de tradução das escrituras plasmadoras dos artigos que compõem este dossiê.

Boa leitura.